

WELBER CARLOS SANTANA LIMA



**O PÓS-MODERNISMO POR MEIO DAS PRÁTICAS DE IMAGENS E
COLAGENS: FOTOS E INTERVENÇÕES URBANAS; STICKIS, SERIGRAFIAS
E GRAFISMOS.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

**Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013**

WELBER CARLOS SANTANA LIMA

**O PÓS-MODERNISMO POR MEIO DAS PRÁTICAS DE IMAGENS E
COLAGENS: FOTOS E INTERVENÇÕES URBANAS; STICKIS, SERIGRAFIAS
E GRAFISMOS.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Lincoln Volpini Spolaor

**Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013**

Lima, Welber Carlos Santana, 1977. O Pós-Modernismo por meio das práticas de imagens e Colagens: fotos e intervenções urbanas; Stickis, Serigrafias e Grafismos: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Welber Carlos Santana Lima. – 2013.
61 f.

Orientador(a): Lincoln Volpini Spolaor

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Spolaor, Lincoln Volpini. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada O Pós-Modernismo por meio das práticas de imagens e Colagens: fotos e intervenções urbanas; Stickis, Serigrafias e Grafismos, de autoria de Welber Carlos Santana Lima, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Lincoln Volpini Spolaor - Orientador

Maurílio Andrade Rocha – Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedicatória; *A mim e a muitos.*

AGRADECIMENTO: Maria Zanol, Renato Madureira, Jorge Cabrera, Lincoln Volpini, Alfredo Souto, Túlio Jorge, Vera Casa Nova, Walquiria Baptista, Vicente Fernando, Paulo Ricardo, Nair Siqueira, Carlos Marques, Maria da Graça Santana, Paula Fernanda, Ana Lis Sierra, Yanina Faccio, Danielle Cireno, Nádía Louzada, Carla Tavares, Alice Furtado, Maurílio Rocha.

Epigrafe

“a técnica da colagem é a exploração sistemática do encontro casual ou artificialmente provocado de duas ou mais realidades estranhas entre si sobre um plano aparentemente inadequado, e um cintilar de poesia que resulta da aproximação dessas realidades” (Ernst, 1974). A colagem é mais naturalmente ligada à arte mágica do que outras modalidades artísticas correntes, porque na colagem objetos da natureza e da vida social são transformados em elementos de um plano de ontológico diferente, que é o da arte. (Shenberg, 1982)

RESUMO

O seguinte trabalho teve a pretensão de averiguar como o Pós-modernismo é percebido no dia-a-dia, através do conceito de Colagem aplicado a imagens. O trabalho teve como ponto inicial minhas práticas em sala de aula e como estudante. Em um segundo momento foi feita uma busca dessas idéias no campo visual urbano.

Palavras-chave: Pós-modernismo. Colagem. Imagens. Fragmento. Sobreposição. Foto. Intervenções urbanas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – BRAZIL 500 ANOS.....	13
Figura 02 – Houver Publish.....	16
Figura 03 – Macacos de Guerra.....	16
Figura 04 – “o que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?”	24
Figura 05 – SUL REAL	28
Figura 06 – HIPER REAL	30
Figura 07 – COMPOSIÇÃO MÁGICA.....	31
Figura 08 – BUFALLO 2	32
Figura 09 – ENSAIO Um e Dois	33
Figura 10 – ENSAIO Três	33
Figura 11- O BEIJO DA LACRAIA	34

CAPITULO - 3

Figura 01 – Colagens Urbanas	40
Figura 02 – As Bicicletas 1 e 2	41
Figura 03 – Arquiteturas 1.....	42
Figura 04 – Cordel Urbano	43
Figura 05 – Novas Velhas texturas	44
Figura 06 – O Homem Computador - T.V. - Cordel	45
Figura 07 – Colagens de cartazes 1	46
Figura 08 – Escola Belas Artes 1	47
Figura 09 – Escola Belas Artes 2	47
Figura 10 – Cotia Urbana	48
Figura 11 – Conceito de colagem aplicado 1	49
Figura 12 – Pluritexturas 1	50
Figura 13 – Pluritexturas 2.....	51
Figura 14 – Arquiteturas 2	52
Figura 15– Arquiteturas e Colagens 1	53
Figura 16– Arquiteturas e Colagens 2	54
Figura 17– Arquiteturas e Colagens 3	55
Figura 18– Impressões e Stikis 1	56
Figura 19– Impressões e Stikis 4	57
Figura 20– Poste de energia e colagem 2	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 – A História da proposta, apontamentos e pré-roteiro	12
1.1 – Um panorama conceitual; Modernismo e pós- modernismo, como e com seu pano de fundo.	17
1.2 – Pop-Arte; a primeira afirmação palpável e Dadaísmo, Arte-Conceitual e Duchamp; um retrovisor virado ao contrário.....	24
Capítulo 2 – O Fragmento como forma e conteúdo da Colagem – um pertencimento	27
Capítulo 3 – Uma proposta de Colagem e seus aspectos colagísticos na contemporaneidade	35
3.1 - Aspectos colagísticos na Arquitetura.....	38
3.2 – Recortes do conceito colagístico na contemporaneidade: uma proposta visual	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
Referências.....	60

INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa, inicialmente, tem a pretensão de fazer uma relação entre arte e vida por meio de imagens, colagens, pinturas, fotos e intervenções urbanas, através de uma reprodução dos modelos de aula que aplico a mais de 10 anos como professor do ensino médio. Além disso, possuo o intuito de contribuir com o ensino do aluno, e estudante de arte, com uma crítica do mundo que o cerca, por meio da linguagem visual e artística geral, vivida, vivenciada, dentro da(s) cidade(s). Como diria Dewey “arte é experiência” e essas relações serão feitas através das minhas práticas em história da arte, desenho e pintura, colagens, fotos, e intervenções artísticas urbanas, dentro de uma convergência entre ambas, durante as aulas que ministro e nas experiências que vivencio. Constitui-se, neste trabalho, o campo da colagem, pintura e imagem, fotos, e intervenções artístico-urbanas, as práticas mais constantes nessa proposta, tendo o pós-modernismo, suas manifestações e seus ícones, como pano de fundo para tais reflexões. Intervenções artísticas provenientes da Arte Pré-Conceitual (dadaísmo), Arte Conceitual e da Pop Arte, de Marcel Duchamp e Andy Warhol, serão um referencial temporal e panorâmico teórico para essa pesquisa. Além de Ana Mae Barbosa, citada a seguir, John Dewey, com sua teoria de arte experiência, e Jean Baudelaire e David Harvey com suas referências sobre pós-modernismo.

Em sua proposta de abordagem triangular, Ana Mae Barbosa, que trabalha com “o produzir”, “o criticar” e o “contextualizar”, busca fazer uma correlação entre crítica e análise da realidade por meio da linguagem visual. Sua proposta triangular traz ao aluno uma relação entre teoria, crítica e prática de um determinado contexto ilustrado pela arte. As práticas, visitas e relatos visuais, serão descritas, registradas e posteriormente analisadas, dentro dessa discussão de crítica da realidade, os reflexos do pós-modernismo, por meio da linguagem artística, nesse caso, as colagens e seu conceito aplicado, por meio de práticas de imagens, fotos e intervenções urbanas. As atividades, subdivididas em aulas ou módulos, trabalharam com o conceito de pós-modernismo, sua aplicação por meio do desenho de seus ícones, colagens de revistas e pintura das mesmas, como um momento inicial e introdutório, com a intenção de formar o conceito de pós-modernismo / contemporaneidade, ou seja, o contexto atual e a sua relação com o

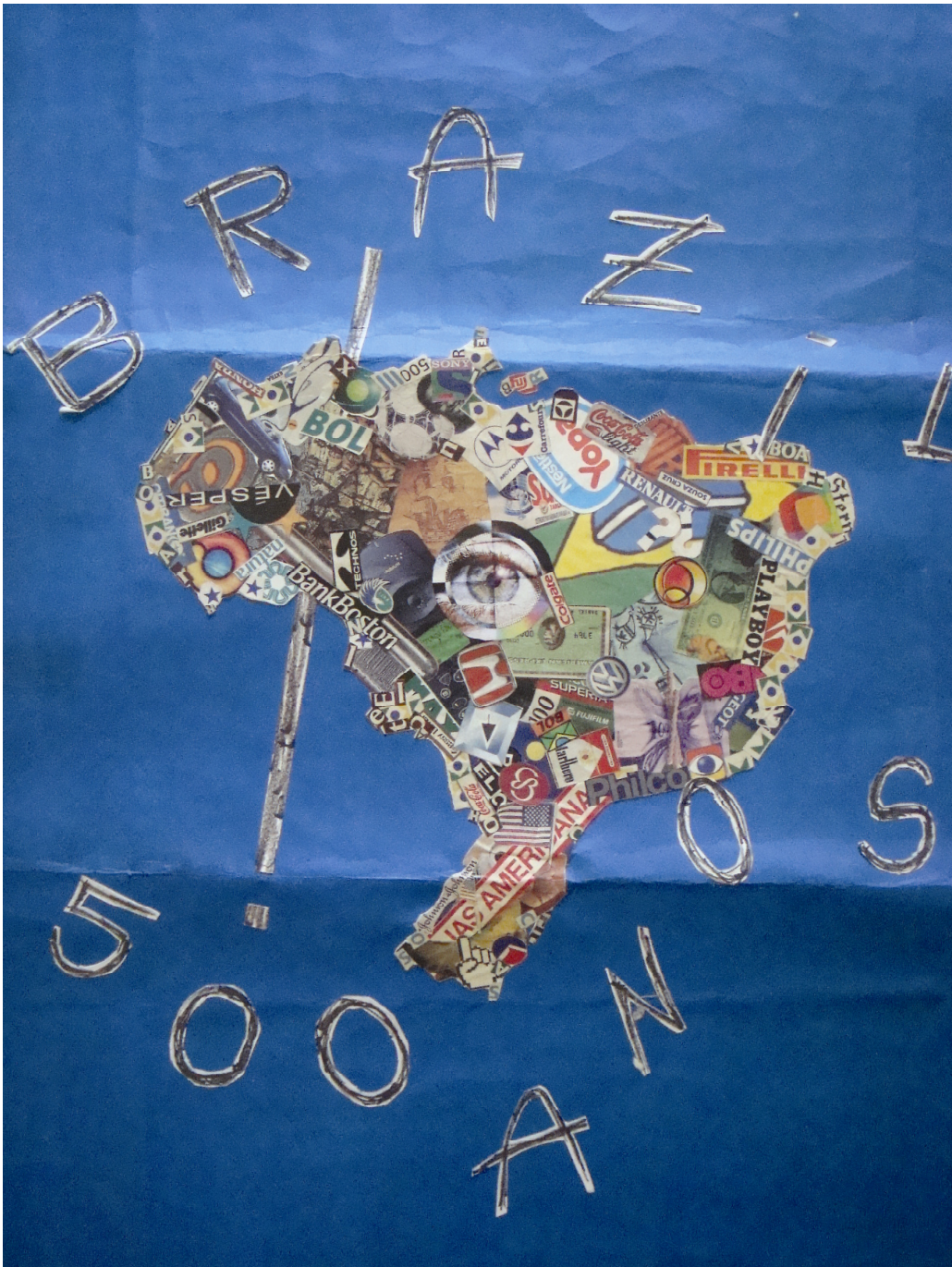
fragmento e as suas interpolações. Além do conceito de pós-modernismo, trabalharei com os alunos conceitos como: dadaísmo (anti-arte e pré arte-conceitual); arte conceitual de Marcel Duchamp e a Pop-Arte, representada por Andy Warhol. Ambos como deflagradores do processo de arte experiência (estética), e construção de fundamento.

As colagens pós-modernas serão o objeto inicial de análise decorrente dessas discussões e reflexões propostas. O mesmo objeto buscará compreender e discutir, por meio de tais ações, o mundo contemporâneo, suas inserções e intervenções visuais.

Tais investigações se propõem a discutir o conceito de pós-modernismo por meio da prática do conceito de colagens, suas sobreposições visuais, outras imagens, intervenções urbanas e fotos. Conseqüentemente, pretende-se trazer ao aluno, por meio da linguagem visual, uma nova ótica crítica de mundo pós-moderno, ou seja, contemporâneo. Examinar esse processo é de suma importância para a construção de um pensamento em Arte, uma vez que a disciplina nem sempre é vista como área de conhecimento. Buscar uma compreensão desse processo para mim é mostrar o quanto a arte pode ser prática e formadora de um pensamento crítico do mundo.

Deste modo, a seguinte proposição de pesquisa é feita para trazer uma maior compreensão do conteúdo de arte como formadora de um pensamento mais organizado do mundo. Através da construção do mesmo por meio de uma prática. Ou seja, uma experiência estética advinda das colagens. Feitas com; anúncios, revistas, jornais ou embalagens de produtos. O que pode formar um conceito e posteriormente a aplicação do mesmo em imagens do dia-a-dia. Através de registros fotográficos, intervenções artísticas urbanas como: grafites, stickis, e suas sobreposições serão experimentados, experienciados.

Através das aulas dadas e de seus registros visuais e escritos, pretendo conduzir os módulos propostos para ter uma abordagem triangular do conceito de pós-modernismo.



Welber Lima - BRAZIL 500 ANOS! – 2000

Sendo o mesmo um pano de fundo para a elaboração das práticas do conceito de colagens advindas dessa reflexão, por meio das suas sobreposições de fragmentos. Minha condução será a partir de uma ação própria com os alunos e os registros da mesma, para, desse modo, examinar e compreender a relação do ensino de arte com a realidade que cerca o meio do aluno do ensino médio. Em outro momento, será feita uma investigação panorâmica sobre as manifestações de colagens na contemporaneidade dentro do dia-a-dia através de apontamentos fotográficos.

Capítulo 1 – A História da proposta, apontamentos e pré-roteiro

A seguinte proposta de pesquisa em ensino de arte, vem da minha experiência como professor na rede pública de ensino nos últimos 10 anos. Intuitivamente, sempre gostei e procurei fazer uma relação entre teoria, prática, contextualização e crítica do mundo ao qual o aluno está inserido. O que mais tarde viria de encontro aos pensamentos da Prof(a) e pesquisadora do ensino em arte, Ana Mae Barbosa, sobre o seu ensino e abordagem triangular: contexto, produção e fruição. Teoria que me foi apresentada durante o processo seletivo dessa especialização. Segundo Ana Mae Barbosa, o olhar pode ser educado através da leitura de imagens e seu “dando a haver”. A partir daí, a reflexão e a contextualização se convergem, e se fornece outra via para o mundo. A autora inspirou-se em Paulo Freire para criar sua teoria de Abordagem Triangular que consiste em Apreciar, refletir e fazer, ou seja, apreciação como: leitura, compreensão e desfrute das próprias imagens, as imagens dos outros e as do universo natural; reflexão como: criação de teorias próprias a partir de fontes informativas e fontes que refletem sobre arte; fazer como: desenvolvimento do percurso criador do aluno, por meio de oficinas, ou seja, expressão e construção.

Minha ex-professora de arte Maria Zanol, sempre me educou sobre a importância de ensinar arte por meio do estudo da História da Arte como roteiro e pano de fundo. Postura essa, sempre adotada por mim desde então, com a pretensão de aumentar o entendimento da arte e suas possibilidades de transformação junto as pessoas. Por razões de carga horária, calendário e apatia dos alunos, em relação à história da arte antiga, optei por estudá-la do contemporâneo ao pré-histórico, e passar por: Barroco, Renascimento, Grécia e Egito, sendo esse contemporâneo intitulado de pós-modernismo e datado do pós-segunda guerra mundial até os dias atuais. E as relações do conceito de pós-modernismo ilustrado por novas tecnologias, cultura de massa e os novos comportamentos culturais resultantes dessas transformações.

A seguinte ideia do pós-modernismo começa com um debate feito sobre o tema junto aos alunos. Deste modo, o pós-modernismo é construído de maneira

coletiva e o aluno aprende a construir seu próprio conhecimento, mesmo sendo direcionado e orientado pelo professor.

Após tais experiências, o aluno também é convidado a dar um título a sua colagem. Esse título pode ser com o grafismo do “Grafite”, outro ícone pós-moderno, sendo assim, uma das principais manifestações artísticas urbanas e contemporâneas pelo seu caráter democrático, crítico e popular, uma vez que a arte passa a ser mais acessível e decorativa do ponto de vista visual. Além disso o “Grafite” faz o caminho inverso, pois está saindo das ruas para as galerias, o que traz junto a ele uma relação de integração com outras manifestações de arte (Além de outras intervenções artísticas com os *stickis* e correlação arquitetônica de apropriação). O Grafite originou-se da Roma antiga entre os conflitos em mosteiros, pois os monges escreviam palavras de ordem nos muros dos outros, como uma provocação ideológica aos demais. Na contemporaneidade ele (re)surge na França junto às manifestações estudantis do ano 1968, nos anos 70 ganha força notória em Nova York.

Tais ícones ilustrados e colados apresentam aos alunos uma crítica mais apurada do mundo pós-moderno. Como podemos ver nas citações de Ana Mae Barbosa e colagem (própria):

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens importadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nos aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1988, p. 17)



Welber Lima - HOUVER PUBLISH - 2000

Esse será o ponto de partida desse estudo sobre os reflexos visuais do pós-modernismo através de Colagens contemporâneas e suas múltiplas apresentações e práticas a serem investigadas. Uma vez que essa visão particular do aspecto colagístico junto às amarras sobrepostas dos fragmentos, apresenta uma possibilidade única. A pretensão é sair de uma prática própria da colagem para a aplicação, averiguação do conceito da mesma no campo visual urbano contemporâneo. A ideia de sobreposições de fragmentos, vinda das colagens, será a ligação e foco do trabalho. Buscar uma percepção dessas “nuances” no hoje, no agora, será a aspiração desse trabalho imagético.



Welber Lima - MACACOS DE GUERRA - 2006

1.1 – Um panorama conceitual: Modernismo e pós-modernismo, como pano de fundo.

O Pós-modernismo se apresenta desde o pós-segunda guerra como o recorte e distinção dos nossos tempos, ou seja, na segunda parte do século XX e nesse início de século XXI. Nas Artes Visuais o mesmo pode se apresentar de diversas formas e imagens múltiplas: fotos, pinturas, colagens, e intervenções urbanas. De maneira simplificada, mas com uma característica inerente ao termo, o fragmento. Tal característica se apresenta como uma teia que ironicamente propõe a construção de uma malha de tecido na contemporaneidade diversa e controversa.

O pós-modernismo nunca se apresentou tão múltiplo e dúbio como nesse início de século XXI, uma vez que ao olhar para trás é possível perceber suas nuances, paralelos e convergências, tanto na atualidade quanto na sua origem no modernismo, seu pai-avô. Ele se apresenta enxuto, colorido, rico e atento com palavras de ordem inerentes como a ironia, o humor, o efêmero, a crítica, e principalmente o fragmento. Esse descontentamento e a falta de compromisso com a linearidade o mantém vivo.

De sua coexistência traz o construtivismo e as distinções tais como, o inacabado como permanência, ou seja, nada está pronto, acabado a rigor. O que para muitos não quer dizer quase nada, pois dependendo da ótica o mesmo pós-modernismo se apresenta como o preço dessa construção, da ruptura que o modernismo fez com o passado em busca de um novo estado de arte. Uma arte que busca refletir as inquietações desse novo mundo, fragmentado, cosmopolita, capitalista, pós-guerra, tecnológico, globalizado, deprimido, solitário, sendo apenas panorâmico. Autores como Charles Newman, dizem que o pós-modernismo “*é o capitalismo inflacionado*” (HARVEY, 2002, p 64).

O Pós-modernismo seria um reflexo das mudanças e maneiras dominantes do tempo e espaço. Uma reação cultural dos moldes flexíveis de acumulação do capital sobre a sociedade. Transformações estéticas em reação a tais mudanças político-econômicas, que afetaram consideravelmente os costumes, os comportamentos e a

moda. Além da arquitetura que se comportava planejada e monótona em tempos de modernismo e agora se apresenta como um tecido de emaranhados múltiplos e dinâmicos. Tudo mediado e margeado pela ideia do “fragmento”, da ruptura constante que se apresenta com a morte da “metanarrativa” e põe fim a história humana universal. Isso é assunto a ser discutido no capítulo seguinte.

O pós-modernismo e sua descendência do modernismo, já era apontado por Baudelaire em seu artigo intitulado “The painter of modern life”, publicado em 1863. Onde o mesmo falava sobre “A modernidade” como o efêmero e fugidio, o eterno e o imutável, ao congelar o tempo e todas as suas qualidades transitórias. Percepções e descrições sobre o modernismo foram feitas e compartilhadas por Berman também na citação a seguir:

Há uma modalidade de experiência vital – experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos de vida – que é partilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominada esse corpo de experiência “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernas cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (HARVEY, 2006, pg 21)

O novo, o moderno, surgiu desse paradoxo e suas características de ruptura com todas e quaisquer condições históricas. Junto traz precedentes e rupturas internas inerentes as suas descobertas. Com os campos dos sentidos em constante mutação surge a origem do fragmento e suas consequências. Esse seria o cerne ou a convergência entre ambos; o moderno e o pós-moderno. O que para muitos estudiosos e críticos ventila como uma reverberação do primeiro sobre o segundo, uma continuidade e não um passo seguinte. O que para o pintor Suíço Paul Klee é caracterizado como; “caráter essencial do acidental... contradizer a experiência racional de ontem” (HARVEY, 2002, p22) em um campo de sentimentos mutantes em uma vida, agora, urbana, onde a fragmentação colorida se apresenta como; “um

livro de rabiscos de um maníaco, cheio de itens coloridos que não tem nenhuma relação entre si, nenhum esquema determinante, racional ou econômico”. Citações de David Harvey no seu livro *Condição Pós-Moderna*.

A Filosofia se apresenta nas palavras e observações de Nietzsche para tentar delimitar o novo, o moderno. Para ele, a experiência estética estava “além do bem e do mal” e da ciência da racionalidade e da política (HARVEY, 2002, p 27). Abordagem providencial feita por David Harvey no seu livro *Condição Pós-Moderna*. Como consequência, irromperam efeitos devastadores nesse novo cenário que surgia. No meio dessa fragmentação apareceu a “destruição criativa” e a “criação destrutiva”, para desse modo haver um melhor entendimento e assim reposicionar a função do artista e da arte nesse contexto caótico moderno e conseqüentemente pós-moderno. Já que o “eterno e o imutável” não podiam ser automaticamente previstos, o artista moderno agora o apresentava como definidor da essência humana. O que pode ser ilustrado nas palavras do arquiteto moderno Frank Lloyd Wright; “o artista não somente compreende o seu tempo como inicia o processo de sua mudança”. Em meio a essas mudanças surgiu o termo “arte pela arte”, o ensaio de Walter Benjamim sobre “A obra de arte na era da reprodução mecânica”, e suas reflexões sobre a aura e a autenticidade da obra de arte, em tempos modernos e tecnológicos de reproduções (fotográficas, cinematográficas e impressos). As transformações humanas e históricas eram acompanhadas pela arte. Outro tempo, outra afetação, subseqüentemente ate os dias de hoje. Um fato bem plausível, a arte plástica conserva uma aura não presente e artes visuais e digitais. Pelo simples fato serem reproduzidas em serie, não estou fazendo com essas aspas de Walter Benjamim juízo de valor nenhum. Pelo contrario sei colocar cada arte em seu devido lugar dentro da sociedade Pós-moderna.

Nesse novo contexto, industrial, urbano, pré e pós-primeira guerra mundial, e com grandes projetos de vida, moda e arquitetura, surge o modernismo e suas manifestações artísticas. O que Corbusier nos tempos da escola Bauhaus chamaria de “uma arte das cidades” (HARVEY, 2002, p 34), termo utilizado em a *cidade do futuro* e *plano Voisin*, projeto proposto pelo mesmo a cidade de Paris.

Agora que o pano de fundo foi desenrolado é possível adentrar no pós-modernismo e suas particularidades fragmentárias. Segundo David Harvey, o Pós-Modernismo ou “a cultura da sociedade capitalista avançada” se apresenta em uma nova mudança de sentimento. Essa mudança global de paradigmas no campo cultural, social, e econômico pode ser refletida nas citações a seguir: “Uma crise de autoridade cultural... mudança de produção para reprodução... uma descrença em relação à metanarrativa... filho indisciplinado do modernismo.” Ou conceito inverso de que; “Deus está em toda parte e em lugar nenhum”, afirma David Harvey em a Condição Pós-moderna.

Um momento de mudanças e rupturas em diversas áreas, na filosofia, uma mescla do pragmatismo americano com o pós-marxismo. Na arquitetura, a ordem agora são desenhos e projetos voltados para uma realidade que extrapolou do planejado, polido para o subúrbio e o comércio. A urgência era outra, não havia mais tempo de buscar “ideais abstratos, teóricos, e doutrinários” (HARLEY, 2006, p. 24). No cinema o filme “Veludo Azul” traz à tona as controvérsias do mundo pós-moderno contemporâneo. Onde a personagem central trafega entre dois mundos distintos, um caótico e o outro bucólico, fazendo uma alusão entre o ontem e o hoje. Uma metáfora possível para ilustrar a nuance entre o modernismo e o pós-modernismo. Outro exemplo contemporâneo do pós-modernismo é a película protetora do “fora de campo” (COMOLLI, 2008) e o filme “ Réquiem para um sonho”, ali o caos e o descontínuismo estão bem ilustrados por meio da relação dos personagens com os vícios, a mídia, e as vaidades contemporâneas. Questionamentos nada convencionais e temáticas novas já adivinham, por exemplo, no clássico de Orson Welles “Cidadão Kane”, fazendo os apontamentos para o pós-modernismo que surgiria em seguida. Os personagens já não se adentravam apenas em desvendar o mistério central, mas também faziam perguntas como; “Que mundo é este? Que se deve fazer nele? Qual dos meus *eus* deve fazê-los?” (WELLES, Cidadão Kane, 1941).

Tais apontamentos panorâmicos refletem a “esponja fragmentária” e caótica das mudanças surgidas a partir do pós-segunda guerra e como a mesma acolhe a efemeridade de maneira afirmativa. Na figura do abandono da continuidade e da memória os significados tomam formas muito distintas do significante. Quase

sempre eles não são convergentes, ou seja, passa a existir uma remoção da realidade cuja ausência não é tão sentida. As Performances e os *Happenings* podem por excelência ilustrar essas disparidades. Esse esvaziamento leva a crer que existe um conceito de destruição como reparo das fissuras abertas pela falta da figura do significado, teoria defendida pelo filósofo Jacques Derrida. Desse modo, a figura do autor e da autenticidade não se faz tão presente ou relevante. A teoria da “morte do autor” de Roland Barthes é definida melhor como “a obra e o texto”. Sendo a obra instalada em um mundo externo instável e o texto uma rede de significantes emaranhados e significados prorrogáveis. Na obra fica a pergunta, “*que é a arte sem o artista?*”(HEARTNEY, 2002, p. 87). O sistema pode começar a funcionar sem a sua ausência? Tais questionamentos surgem e estão por se definirem durante o processo do pós-modernismo. O percurso artístico do pós-modernismo começa com a Pop-Arte e sua relação direta com a cultura de massa, passa pelo minimalismo e pela reintrodução da teatralidade na obra de arte, onde o observado faz parte da obra de arte (escultura). A Arte-Conceitual se agrega ao texto e passou a não ser somente óptica.

Nos anos 80, o pós-modernismo fundiu-se ao pós-estruturalismo e passou a ser reconhecido como o mesmo. Sendo o seu auge regrado pela (re)apropriação de obras de outros artistas na sua maioria clássica, dando um novo sentido as obras e voltando à discussão e distinção entre significado e significante, ou reprodução em oposição à produção ou ainda a “*morte do autor*” na obra de arte. Alguns estudiosos e críticos, como Eleanor Heartney, também defendem a ideia de fases ou particionamentos mais palpáveis, classificadas como: Neoexpressionista, Os Antiestetas, Críticos do mercado, Feminismo pós-moderno e Multiculturalismo pós-moderno. Além disso, sugerem que o pós-modernismo está na posição “demodê” por ter virado um modismo associado à cultura de massa, pois o mesmo encontra-se fora do foco.

Essa relação dúbia entre, ser continuação ou um passo a frente, entre modernismo e pós-modernismo, encontra-se muito controversa e pulverizada. O importante para esse trabalho seria buscar no modernismo um pré-momento, uma origem, um referencial. E se esse pré-momento for continuação, transição ou meio deslocamento, não importa tanto. Fato claro e “clareado” é que a história, e suas

etapas, se fazem a cada grande acontecimento, sendo a segunda guerra mundial, suas consequências e avanços tecnológicos, um fato. Um marco triste, negativo, “manchante”, sujo e evolutivo no capítulo da humanidade do século XX, talvez o maior. O mundo nunca mais foi o mesmo, queiram ou não.

Já autores como David Harvey, inspirados no pensamento de Baudelaire, concluem que os dois momentos se apresentam com uma continuação entre ambos;

...concluo que há mais continuidade do que diferença entre a ampla história do modernismo e o movimento denominado pós-modernismo. Parece-me mais sensível ver este último como um tipo particular de crise do primeiro, uma crise que enfatiza o lado fragmentário, efêmero e caótico da formulação de Baudelaire, enquanto exprime um profundo ceticismo diante de toda prescrição particular sobre como conceber, representar ou exprimir o eterno e imutável. (HARVEY, 2006, pg 111)

A seguinte citação de Harvey enfatiza e aponta para uma reflexão sobre “o lado fragmentário, efêmero e caótico”, bases do pós-modernismo que serão aprofundadas e discutidas no próximo capítulo desse estudo.

No campo estético essa ênfase efêmera e fragmentária se apresenta impenetrável aonde o texto vem primeiro que a obra com uma desconstrução quase “niilista”, sem ética ou política coerente, onde todos os dilemas do mundo moderno são compreendidos. Tal fragmentação efêmera traz uma celebração e uma reificação de um mascaramento, além de uma simulação dos fetiches de lugares e grupos sociais vigentes.

A seguir exponho um quadro de checagens entre o modernismo e o pós-modernismo, sugerido por David Harvey no seu livro “Condição Pós-moderna”. Sendo somente uma analogia livre como ilustração desse capítulo, para que cada um possa formular uma opinião própria entre ambos.

Modernismo – **Pós-modernismo**

Romantismo/ simbolismo – *parafísica / dadaísmo*

Forma (conjuntiva, fechada) – *antiforma (disjuntiva, aberta)*

Propósito – *jogo*

Projeto – *acaso*

Hierarquia – *anarquia*

Domínio / logos – *exaustão / silêncio*

Objeto de arte / obra acabada – *processo / performance / happening*

Distância – *participação*

Criação / totalização / síntese – *descrição / desconstrução / antítese*

Presença – *ausência*

Centração – *dispersão*

Gênero / fronteira – *texto / intertexto*

Semântica – *retórica*

Paradigma – *sintagma*

Hipotaxe – *parataxe*

Seleção – *combinação*

Raiz / profundidade – *rizoma / superfície*

Interpretação / leitura – *contra a interpretação / desleitura*

Significado – *significante*

Lisível (legível) – *scriptible (escrevível)*

Narrativa / grande histoire – *antinarrativa / petite histoire*

Código mestre - *idioleto*

Sintoma – *desejo*

Tipo – *mutante*

Genital / fálico – *polimorfo / andrógino*

Paranoia – *esquizofrenia*

Origem / causa – *diferença-diferença / vestígio*

Deus Pai – *Espírito Santo*

Metafísica – *ironia*

Determinação – *indeterminação*

Transcendência – *imanência*

1. 2 – Pop-Arte: a primeira afirmação palpável - Dadaísmo, Arte-Conceitual e Duchamp: um retrovisor virado ao contrário.

Boom, boom e boom, que estouro! Assim se apresentava a Pop–Arte naquela virada dos anos 50 para os anos 60. Na clássica colagem de Richard Hamilton intitulada “o que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?”



Richard Hamilton - o que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes? – 1956

Essa imagem demonstra um casal em uma sala com objetos de consumo de massa. O mundo das artes não seria mais o mesmo, e as ideias de fragmentação e (re)apropriação se apresentariam de maneira palpável, por meio de colagens. Nas palavras do estudioso e crítico David McCarthy ilustro minha fala:

Em vez de um movimento elitista acessível a poucos, ela propunha uma nova arte aberta a muitos... as imagens eram localizadas o bastante em seu tempo para que não se precisasse de uma formação clássica ou religiosa para reconhecer a iconografia... a arte pop era produzida em um momento no qual mais universidades, galerias e museus estavam abrindo suas portas a públicos maiores que queriam aceso as artes. (McCarthy, 2001 / 2002, pg 76)

Esse “start” da arte pós-moderna, ilustrado pela obra de Richard Hamilton, como exemplo, trazia tantos significados e significantes e chamava a atenção para tanta coisa. Seu panorama visual acendia para; a moda, as revistas populares e apontava para uma arte fora das galerias, ou seja, acessível a todos. O próprio autor Richard Hamilton em carta encaminhada ao “Independent Group”, um grupo de teóricos e críticos que formulavam ideias a respeito dos meios de comunicação de massa, dizia que essa nova manifestação artística deveria ser; “popular, transitória, consumível, de baixo custo, produzida em massa, jovem, espirituosa, sexy, chamativa, glamorosa e um grande negocio”. Esse contexto pós-guerra propunha uma identidade ligada diretamente a signos do consumo e da comunicação / cultura de massa. Sendo representantes do “Independent Group”, Lawrence Alloway e Reyner Banham, os fundamentalistas do movimento, propunham desfazer a fronteira entre as Artes Plásticas e a cultura popular.

A Pop-Arte se apresenta como uma arte ligada às manifestações cotidianas da cultura de massa por meio de seus produtos, interpretadas basicamente por colagens que se apresentavam de forma: visual, verbal, figurativa, abstrata, artesanal, irônica e sincera, na produção em massa, sendo responsável por uma reconfiguração da cultura do século XX. Nomes como: Richard Hamilton, Peter Blake, Andy Warhol, Jasper Johns, Robert Rauschenberg, Jim Dine, Claes Oldenburg e Roy Lichtenstein deram forma e vida a essa arte que apesar de popular, possuía “*pedigree*” e se tratava de um movimento culto, consciente e também com olhares voltados para o passado. A prosperidade americana era refletida nos bens de consumo tais como: revistas populares, cinema, televisão, música pop, *rock in roll*, automóveis e utensílios domésticos, tudo em uma quantidade crescente. A dilatação do capitalismo, representado pela cultura de massa, foi a matéria prima da Pop-Arte, ou seja; “o estilo dessa arte adorava o desenho chamativo da propaganda...” (HONNET, 2006, pg 25). Um outro precedente que não pode faltar é a relação da representação do corpo na sociedade de consumo, era o que Richard Hamilton dizia sobre a Pop-Arte ser “jovem e sexy” e pode se relacionar a esse Hedonismo sugerido.

Antes dessa expressão artística, um outro movimento, moderno, apontava pra o futuro, como um retrovisor invertido. Intitulado Dadaísmo e com características bem próprias, onde o que se faz e refaz se reflete e é refletido no ontem e no hoje. Nas palavras de seus criadores, Eduardo Paolozzi, Richard Hamilton, John McHale, Richard Smith, Peter Blake: “a arte suprema será aquela que, em seu conteúdo, consciente, apresenta os mil vezes mil problemas do dia, a arte que esta incessantemente buscando reunir seus membros esparramados após a colisão de ontem.” A sua anti-arte se apresenta em poemas, colagens e protestos. Suas ideias de contestação se apresentam por meio de uma quebra de fluxo da arte. Uma vez que seus fundadores rejeitavam a cultura vigente por não quererem pertencer à sociedade que havia dado origem à primeira guerra mundial. A seguinte guerra se reduzia a “hipocrisia” daquele contexto artístico que iria liberar uma arte de “forças estranhas”. Os Dadaístas, Tristan Tzara, Hugo Ball e Hans Arp, acreditavam que; “o artista era o produto e o balangandã tradicional da sociedade moderna, por sua vez anacrônica e condenada”, o que eles viram se concretizar na primeira guerra onde a sociedade iria demonstrar a sua “podridão”. Seus artistas passariam a confiar no acaso, no acidental, com o subconsciente agora rabiscado. Tais manifestações refletiram o estado de “cólera e frustração” nos quais os pintores e poetas dadaístas se encontravam. Tão deflagração seria “o mote” para o que anos depois iria equivaler-se a chamada “arte conceitual” ou arte contemporânea / pós-moderna.

Um nome convergente aos dois movimentos; o Dadá e a Arte-Conceito, seria Marcel Duchamp, que com seus “*exercícios*” de “readymades” já propunha a relação entre cotidiano e arte em tempos modernos. Ou seja; “as verdadeiras obras de arte moderna não são feitas por artistas, mas por homens”. Quando Marcel Duchamp, em 1913, montou uma roda de bicicleta de cabeça para baixo em um banquinho, ou escolheu seu primeiro “readymade”, um porta-garrafa de 1914, nascia ali o debate entre arte, objeto e cotidiano, proposto pelo Dadaísmo. No trecho abaixo as ideias de Duchamp se apresentam mais clareadas:

... não se trata de transformá-los em objetos de arte...a escolha do readymade dependia em geral do objeto. Era necessário resistir à aparência . É muito difícil escolher um objeto porque, depois de umas duas semanas, a gente começa a gostar dele, ou a odia-los. Temos que alcançar um estado de tamanha indiferença, que se torne impossível sentir emoções estéticas. A escolha da readymade baseia-

se sempre na indiferença, visual, assim como numa total ausência de bom gosto... (gosto é) um hábito; a repetição de uma coisa que já foi aceita. Assim os ready-mades eram exercícios destinados a evitar a arte (hábito) . (ADES, 1976, pg 07)

Certa vez Duchamp exibiu um “ready-made”, Cabide, em meio a vários objetos de arte, como parte da exposição. O público participou do jogo de maneira inconsciente, ao pendurar seus chapéus e casacos nos mesmos. Uma vez que não o tinham reconhecido como objeto de exposição. Essa relação é retomada nos anos 60 / 70, por meio da sua Arte-Conceitual, onde a ideia é mais importante que a sua concretização estética e a figura do objeto se remete aliada a recursos tecnológicos, sendo seu frescor e objetividade circulantes na atualidade.

Capítulo 2 – O Fragmento como forma e conteúdo da colagem – um pertencimento

O Fragmento se apresenta como convergência aos movimentos modernos e pós-modernos, sendo a figura da colagem o seu tecido contextual, sempre contemporâneo, indivisível e inseparável. Deste modo, podemos perceber a sua intrincidade e importância na função conceitual e estética desse(s) período(s). Nas artes ele se torna inimaginável, uma vez que a apropriação gira como a solução do período. O Fragmento na Colagem, como sua concretização, será a base desse estudo, através de uma abordagem própria e de uma pesquisa visual de campo. O conceito da mesma será buscado e experimentado no dia-a-dia.

No modernismo o fragmento era gerado pelas suas dualidades já citadas, entre elas: o efêmero e fugidio; o eterno e imutável. E também pelas características de ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, com a morte das “metanarrativas”, pondo fim a história humana universal. Isso gerou um incômodo irremediável, refletido tempos depois no pós-modernismo. Onde o fragmento se apresentava ironicamente como a malha do tecido que instituiu o pós-modernismo, sendo a efemeridade absorvida por uma “esponja fragmentária” (HARVEY, 2006, p. 36) e caótica dessas mudanças.

Na base do Fragmento, descrever conceitos e relações de contextos tais como: a ironia, a hiper-realidade, a colagem entre antigo e novo e a (re)apropriação, o híbrido e o tecnológico, ambos convergindo dentro da mesma sociedade, se faz necessário.



Welber Lima - SULREAL – 2006

Tal desordem, segundo Walter Benjamin, se caracterizaria como a perda da aura da obra de arte. Através da (re)produtividade via: fotografia, vídeos, e suas aplicações. Sendo essa desordem “fértil” do campo artístico, um trampolim para novas técnicas, materiais e suportes como as colagens, artes gráficas, cinema, fotografia, e demais. Tais manifestações foram abordadas com mais ênfase a

partir da segunda metade do século XX, por meio das tecnologias eletrônicas e sua nova organização do meio midiático. Tendo com consequência a construção de informação direcionada para a sociedade de consumo. Deste modo a seguinte proposição de pesquisa é feita para poder trazer uma maior compreensão do conteúdo de arte como formadora de um pensamento mais organizado do mundo.

O pragmatismo de Dewey, revivido por *Rorty*, traz a ideia da experiência estética dentro dessa vivência de arte particionalizada, fragmentada e não linear. Ou como um pertencimento, segundo cita Charles Newman; “a celebrada fragmentação da arte já não é uma escolha estética; é somente um aspecto cultural do tecido social e econômico”, citação de seu livro: *A Aura do Pós-modernismo*. Como refletor de práticas socioculturais, econômicas, e políticas, o pós-modernismo traz para o seu contexto o fragmento. Desse modo não é difícil imaginar, por exemplo, um corte metafórico e transversal em um romance, fílmico ou literário, dentro de alguma cidade (des)planejada por um crescimento desordenado de sua periferia. Alguns estudiosos com *David Harvey* se colocam a questionar o fato da fragmentação persistir por um período tão longo, dentro de um contexto moderno e pós-moderno efêmero e incerto onde na sua malha se faz um *link* contraditório.

Junto aos alunos, trabalhar previamente ícones pós-modernos tradicionais e contemporâneos se faz necessário para uma maior contextualização e identificação. Alguns como: a televisão, a hiper-realidade, a camisinha, o celular, a liberdade sexual / anticoncepcional, o computador, a internet, as drogas sintéticas, a música eletrônica, o rock, a coca-cola, o all-star, a calça jeans, e diversos mais, de ontem e de hoje. Em seguida solicito que esses símbolos sejam ilustrados antecipadamente por meio de um ditado artístico, ou seja, desenho livre / criação, o que traz a essa prática de caráter introdutório um reforço do conceito abordado em história da arte. Essa experiência traz aos alunos diversos questionamentos e uma busca de como expressar alguns ícones dentro desse universo por meio do traço. O que para John Dewey traz o processo de experimentação como uma consolidação da arte como produto cultural:

1 - Richard *Rorty* – filósofo pragmatista estadunidense. A sua principal obra é: *Filosofia e o Espelho da Natureza* (1979).

2 – David Harvey – geógrafo marxista britânico. A sua principal obra é: *The Limits to Capital*

Para ambos, a educação é mediatizada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por linguagens, impactada por crenças, clarificada pela necessidade, afetada por valores e moderada pela individualidade. Trata-se de uma experiência com o mundo empírico, com a cultura e a sociedade personalizada pelo processo de gerar significados, pelas leituras pessoais auto-sonorizadas do mundo fenomênico e das 'paisagens interiores. (BARBOSA, 2006, p.55)



Welber Lima - Hiper Real – 2006

Sendo assim, tais abordagens são uma sequência de um debate sobre o que seria arte e como os alunos percebem a mesma na introdução do ano letivo, o que gera no aluno dúvida e questionamento no entorno da relação entre arte e dia-a-dia.

Essa relação de constituição traz a construção do conhecimento através de uma percepção do meio onde ele se encontra e sua automática contextualização. Sendo a fixação desse conceito de pós-modernismo feita por meio de uma técnica de pintura intitulada colagem, que Gregory L. Ulmer, em “The Object of postcriticism”, definia como; “a única invenção formal mais revolucionária que ocorreu na representação artística em nosso século” (século XX). Sendo colagem definida como:

COLAGEM (FR., *COLLAGE*): Técnica pictórica em que fotografias, recortes de jornais e outros objetos adequados são colados sobre uma superfície plana, frequentemente combinando-se com áreas pintadas. Popular por muito tempo como passatempo de crianças e amadores, tornou-se uma técnica artística reconhecida em princípios do século XX, quando seu material de base passou a ser composto de imagens produzidas em massa, publicadas em jornais, propagandas, ilustrações populares e baratas etc. (VOLPINI, 2008, pg 13)



Welber Lima - COMPOSIÇÃO MÁGICA - 2000

A Colagem (re)surge em tempos de modernismos cubistas e difunde-se com mais ênfase a partir do final da década de 50. Apresentando como a primeira modalidade pós-moderna segundo o filósofo *John Derrida*; “quebra a continuidade

3 - John Derrida: filósofo Francês que iniciou a desconstrução da filosofia nos anos 60.

ou linearidade do discurso e leva necessariamente a uma dupla leitura; a do fragmento percebido com relação ao seu texto de origem; a do fragmento incorporado a um novo todo, a uma totalidade distinta” (HARVEY, 2006, p. 85). Tal continuidade só se apresenta no vestígio do fragmento e sua passagem entre produção e consumo. Como já foi dito, o significado é distinto do significante na colagem pós-moderna.

A Pop-Arte, por exemplo, trabalha em sua maioria com colagens de produtos do dia-a-dia. Tais como; revistas, enlatados, cigarros, e cartões-postais. Na colagem de Robert Rauschenberg - Bufallo II, 1964 - o conceito de pós-modernismo é quase extrapolado.



Robert Rauschenberg - Bufallo II, 1964

A figura do presidente americano J. Kenedy dialoga com ícones de guerra, coca-cola, figuras geométricas em meio a cores quentes e frias.

A colagem como a única alternativa a não morte da pintura, passou um longo período da história como apenas uma atividade lúdica, um exercício artístico infantil. Ainda hoje, refrigera as galerias de arte, sendo vista também nos muros e cenários urbanos. O seu conceito de fragmentação urbana será averiguado por meio de práticas de produção e percepção em trabalhos de campo.

A Pop-Arte, já citada, tem como base a colagem, e seus ícones de consumo como “a pioneira expressão artística do pós-modernismo” (HONNET, 2006, p. 34) que teve como um de seus principais nomes Andy Warhol e seu contexto Nova Yorquino. Apesar da mesma ter nascido na Inglaterra, foi nos Estados Unidos que ganhou uma ênfase mais engajada e popular, com suas apropriações da cultura de massa e reverberações midiáticas por meio do uso de símbolos e produtos veiculados pela propaganda de massa, tais como; a televisão, a fotografia, os quadrinhos, o cinema e a publicidade. Essas, são de suma importância para a construção de um pensamento crítico e ao mesmo tempo de referência visual de fragmentos, para as colagens propostas, sendo a Pop-Arte uma dissidência do Dadaísmo de Marcel Duchamp e sua anti-arte ou arte de contestação, em um aspecto mais crítico e irônico. Através destas manifestações da sociedade e seus objetos de consumo:

...ela (pop- art) operava com signos estéticos massificados da publicidade, quadrinhos, ilustrações e design, usando como materiais principais, tinta acrílica, poliéster, látex, produtos com cores intensas, brilhantes e vibrantes, reproduzindo objetos do cotidiano em tamanho consideravelmente grande, transformando o real em hiper-real. (McCARTHY, 2002, pg. 31)

Tais colagens trazem aos alunos a possibilidade de produzirem, fruïrem e contextualizarem o conceito de pós-modernismo.



Welber Lima – Ensaio Um e Dois - 2012



Welber Lima – Ensaio Três - 2012

Sendo a base de tais trabalhos, figuras encontradas em revistas que posteriormente são coladas e pintadas, e também com o uso da tinta, uma forma de dar finalização a essa prática. Uma vez que o estudo das cores e suas influências psicológicas junto à publicidade, seus produtos, categorias e embalagens já tenham sido feito. Proponho um estudo das relações entre cromática e psicologia. Buscar relacionar categorias de produtos as intenções mercadológicas que as cores podem remeter. Como e quais são as classificações entre cores quentes e frias. E as sensações passadas junto aos consumidores, por meio das cores.



Welber Lima – O Beijo da lacraia - 2012

Outra ênfase de suma importância para a materialização da relação entre pós-modernismo e suas práticas de fragmentações colagísticas é a pesquisa de campo visual. Apurar como a ideia de fragmento / colagem é vista e aplicada no dia-a-dia (pós-moderno) por meio de práticas urbanas e suas interações, é a pretensão, uma atividade particular ou coletiva proposta por mim em caráter pessoal e em grupo com os alunos. Estar além das fronteiras da sala de aula é fundamental para uma construção real da ideia de pós-modernismo por meio de colagens, seus conceitos e suas práticas. No próximo capítulo essa abordagem teórica e prática será investigada, através de uma pesquisa, averiguação, visual dos aspectos fragmentários colagísticos na contemporaneidade de algumas metrópoles e cidades distintas visitadas por mim.

Capítulo 3 – Uma proposta de Colagem e seus aspectos colagísticos na contemporaneidade.

Averiguação do conceito por meio de práticas de imagens:

Antes de iniciar minha proposta da aplicação do conceito de colagem na contemporaneidade por meio de práticas de imagens, pretendo fazer um breve panorama do tema e em seguida analisar imagens que trabalhem as relações entre o fragmento e as sobreposições no campo cotidiano visual urbano.

A colagem apresenta-se democrática no seu cerne por não exigir nenhuma técnica delicada ou hiper-elaborada, como as demais formas de arte plásticas (pintura, gravura, escultura e desenho). A colagem se apresenta à parte no caráter massificação, pois a mesma traz para o artista uma chancela única e exclusiva, por não fazer uma relação direta com a indústria cultural e a sua reprodução em grande escala. A técnica de fragmento e sobreposição encontra-se distinta como cópia, assim como a pintura, uma vez que não tem como criar um padrão de construção para a colagem. Talvez nesse quesito, o pensamento de Walter Benjamin, em relação à reprodutividade e a falta de aura do objeto não seriam violados. Essa proposta de reflexão traz para a atmosfera da colagem uma abertura criativa, livre de padrões ou estilos taxados. Transformando-a em uma manifestação artística ultra oxigenada e ultra contemporânea. O que, nas palavras de Max Ernst, podemos classificar ou citar como:

a técnica da colagem é a exploração sistemática do encontro casual ou artificialmente provocado de duas ou mais realidades estranhas entre si sobre um plano aparentemente inadequado, e um cintilar de poesia que resulta da aproximação dessas realidades (Ernst, 1974, p. 49).

A mesma traz para si uma carga humana e social muito particular, e quando associada a objetos, altera profundamente os seus aspectos físicos, o que oferece à colagem um novo significado. Deste modo, a Colagem é apresentada como uma “arte mágica”, fato percebido nas reflexões de Teresa D’Amico, por meio do pensamento de Mario Schenberg:

Como tão bem compreendeu Teresa D’Amico a colagem é mais naturalmente ligada à arte mágica do que outras modalidades artísticas correntes, porque na colagem objetos da natureza e da vida

social são transformados em elementos de um plano de ontológico diferente, que é o da arte. (SHENBERG, 1982, PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO EM ARTE)

Sua origem é datada de 200 a.C., como técnica de colagem, na China, mantendo-se limitada até o sec. X no Japão, quando o papel colado passou a ser utilizado por calígrafos para escrever poemas. Na contemporaneidade, sec. XX, a colagem é incorporada de maneira veemente pelo Cubismo de Braque e Picasso, e traz ao artista a possibilidade de sair do superficial. Nas citações abaixo, a seguinte fala se apresenta mais ilustrada:

Ao abrigar no espaço do quadro elementos retirados da realidade - pedaços de jornal e papéis de todo tipo, tecido, madeira, objeto e outros -, a pintura passa a ser concebida como construção sobre um suporte, o que dificulta o estabelecimento de fronteiras rígidas entre pintura e escultura. *Fruteira e Copo* (1912), de Georges Braque (1882-1963), é considerada uma das primeiras colagens da arte moderna. A partir desse momento, a técnica é largamente empregada em diferentes escolas e movimentos artísticos, com sentidos muito variados. (COLAGEM; ITAUCULTURAL .ORG.BR, 2013)

Dentro do mesmo período, os italianos Futuristas também se apropriam das técnicas e experimentos colagísticos ao pesquisar o movimento, a velocidade, a propagação da luz e o desmembramento da matéria no espaço. Mas foi no Dadaísmo que a Colagem ganhou uma primeira impressão mais firme. Ao ser associada à negação da ciência, da religião e do estado, expressa por meio de uma anti-arte, de forma violenta. O que pode ser averiguado nas palavras de Dorothea Voegeli Passetti:

Em plena Primeira Guerra Mundial, nada é satisfatório, nada é suportável, muito menos a guerra. A grande ideia da humanidade vencedora ruiu. Segundo Max Ernst, “Dada foi a explosão de uma reviravolta da vontade de viver e da cólera; foi o resultado da absurdidade, da sacanagem dessa guerra estúpida. Nós, os jovens, voltamos da guerra atordoados e nossa indignação precisou manifestar-se de alguma forma.(PASSETTI, 2007, pg 05)

E assim a colagem foi se perpetuando até o movimento moderno seguinte, ou seja, o Surrealismo, ao fazer interpolações psíquicas junto ao universo plástico e Freudiano. Fato referenciado à Lévi Strauss, nas palavras de Dorothea Voegeli Passetti:

Admitir que esses objetos fossem arte, como era comum entre as vanguardas europeias, talvez tenha sido um facilitador para associar produtos intelectuais da colagem — como os mitos — e os

mecanismos técnicos da bricolagem. Conhecer esses mecanismos de perto pode ter ajudado a associá-los a formas de manifestação do inconsciente e a pensar o produto do acaso como a manifestação deste inconsciente que, para Lévi-Strauss, é muito mais amplo que qualquer dimensão individual. O inconsciente dá acesso às estruturas, dirá ele posteriormente. (PASSETTI, 2007, pg, 09)

Em seguida, a colagem juntou-se à Pop Arte, e desse modo apresentou suas facetas de liquidez, ou seja, a plasticidade sugerida por Zygmunt Bauman em seu conceito de “modernidade líquida”, extraído do livro homônimo, onde ele disse: “vivemos tempos líquidos onde tudo muda rapidamente e nada é para durar. Ao transmutar-se dos períodos modernos para os pós-modernos...” . Essa transição foi de suma importância ao inaugurar a passagem de dois períodos históricos-artísticos-sociais do século XX, e propor agora, no século XXI, uma nova reclassificação ou origem dessa perspectiva nobre e única que o conceito de colagem propõe. Trouxe para a realidade vigente um novo olhar, pautado no fragmento e nas suas apropriações múltiplas, através do conceito de colagem, e suas sobreposições visuais, humanas e sociais, para desse modo fazer um recorte do pós-modernismo, hoje, por meio da análise de imagens do cotidiano urbano. Volto a citar Dorothea Voegeli Passetti, em seu artigo na “Revista eletrônica Ponto e vírgula”, da PUC/SP, e suas perspectivas sobre a colagem para, desse modo, endossar minha fala:

Fracionar e rejuntar, como faz a colagem, não repõe a unidade quebrada. Ela não pasteuriza nem pacifica. Não tem vocação democrática se isto for entendido como união de todas as diferenças. Há diferenças que não cabem em determinadas formas, mas cabem em outras. Não é mero colecionamento, justaposição. A diversidade cultural não é abolida..., mesmo sob pressões homogeneizadoras e pasteurizadoras. Diverso não é sinônimo de equivalente, assim como os fragmentos da colagem não são substituíveis entre si. Juntar um aglomerado de fragmentos não compõe uma colagem, não é procedimento da bricolagem, e no plano da diversidade cultural não funda uma cultura. (PASSETTI, 2007, pg, 12)

Essa reclassificação será o objeto empírico visual proposto nesse estudo. Afinal, depois de tanta “cama teórica”, ou seja preparação, chega-se à parte divertida, as análises do conceito de colagísticos no hoje, no agora, a busca do(s) conceito(s) de pós-modernismo por meio das imagens pesquisadas. Foi feito um trabalho de campo visual múltiplo em Belo Horizonte, João Pessoa, Recife e Buenos Aires / La Plata, locais visitados e registrados por mim, para esse trabalho. A colagem, em sua função artística nobre, não busca um estreitamento ou ponto finito, nem o ilimitado,

apenas aquela particularidade do momento e dos “elementos que ocupam um mesmo espaço”. Esse talvez seja o “mote” dessa equação artística pós-moderna, o que seria uma distinção:

A colagem não está preocupada em dar visibilidade ao diverso; ela busca descobrir as relações entre os elementos que ocupam um mesmo espaço. A colagem é seletiva, como é o mito e a bricolagem. Se o repertório é finito, os recursos escassos, isto não significa que todos serão utilizados. (PASSETTI, 2007, pg, 15)

3.1 - Aspectos colagísticos na Arquitetura

Essa relação entre “elementos que ocupam um mesmo espaço” (HARVEY, 2002, p 69) mostra, na Arquitetura, um contexto urbano, literal. Uma averiguação, breve, sobre a Arquitetura se faz necessária como construção contextual da aplicação do conceito de colagem no cotidiano visual, contemporâneo. Perceber como a ideia pós-modernista de quebra, fragmento, efemeridade e sobreposições se apresentam, é fundamental. Apesar de não ter encontrado nenhuma referencia bibliográfica diretamente ligada à colagem e Arquitetura, a relação fica entre Modernismo e o Pós-modernismo para essa proposta de estudo, também será aplicada na Arquitetura.

Para David (HARVEY, 2006, p 83), do ponto de vista da “arquitetura e do projeto urbano”, o Pós-modernismo se apresenta como uma ruptura como as “idéias modernistas”. Ou seja, enquanto os projetos arquitetônicos modernos são racionais, com grandes planos urbanos e espaço moldado para proposições sociais, pós-modernos se apresentam como um tecido urbano de sobreposições, colagens, pedaços / fragmentos e efemeridades, ou não. O espaço passa a ser mais autônomo e moldado segundo princípios estéticos com fim em si mesmos. Em suma, os arquitetos “antes projetam do que planejam” esse novo contexto que também é refletido em outras áreas como as artísticas, culturais e sociais.

A base material de uma cidade encontra-se na arquitetura e nos seus projetos urbanos. O que formam sua aparência, sensações e práticas sociais, e seus efeitos estéticos no cotidiano das cidades. Esse dia-a-dia margeado pelo espaço projetado / moldado apresenta uma nova possibilidade de sensações possíveis. A arquitetura e

suas texturas também podem ser vistas como uma via de comunicação e, nesse caso, é necessário estar atento ao que nos “salta aos olhos”. O que fica mais claro na visão e nas palavras de Barthes, ao dizer que “a cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem” (HARVEY, 2006, p 94).

Afinal, o que querem comunicar os arranha-céus de Nova York, que também dialogam com prédios modernos? E qual a relação entre as habitações populares dos seus subúrbios e os *shoppings* nobres e ensolarados? Ou a transmutação de um parque, “hermético” no centro, com um prédio tecnológico de uma multinacional ao fundo, a ele sobrepondo-se. Quem sabe as moradias de rua ilustrem essa transição moderna para pós-moderna, algo inexistente antes. A cidade pós-moderna se apresenta como “um sistema de signos e símbolos anárquicos e arcaicos em constante e independente auto-renovação” (HARVEY, 2006, p 95), para representar colagens conscientes. Uma vez que pedaços de realidade se encontraram com as experiências e seus registros históricos, o efêmero também se apresenta como renovação por meio de destruições e demolições. Citado abaixo por David Harvey sobre pensamentos do arquiteto Rossi:

A destruição e a demolição, a expropriação e as rápidas mudanças do uso como resultado da especulação e da obsolescência são os sinais mais reconhecíveis da dinâmica urbana....destino ininterrupto do indivíduo, de sua inteireza, parece estar refletida com uma qualidade de permanência em monumentos urbanos. (HARVEY, 2006, pg 84)

Em suma, o fragmento, o caos, a desordem, a efemeridade se apresentam, na arquitetura atual, por meio de colagens, por que não? Sobreposições físicas não faltam, variações de estilos se contrapõem a todo o momento. A arquitetura se apresenta pós-moderna no caso desse estudo, como o contexto físico da proposta. Ou seja, haverá uma averiguação do conceito de Colagem como registro visual do Pós-modernismo e suas características. A seguir, proponho uma “checagem” de tais conceitos por meio de uma prática visual de sobreposições de fragmentos contemporâneos. Quero dizer, uma aplicação dessas ideias por meio do uso de imagens, sua percepção visual e seus registros.

3.2 – Recortes do conceito colagístico na contemporaneidade: uma proposta visual

Para buscar uma relação do conceito de Colagem no Pós-modernismo/ contemporaneidade, e as relações entre fragmento e sobreposições, no campo visual pratico, fiz registros imagéticos por diversas cidades, aleatoriamente, à procura desses conceitos. Onde diversos contextos se emaranharam e pude fazer tais relações.

Por uma questão de riqueza de valores, adequação da proposta e fluxo de imagens, optei por Recife e Buenos Aires / La Plata. Também fiz ensaios em João Pessoa e Belo Horizonte. Ao organizar as colagens – conceituais, e suas sobreposições, pude perceber o quanto as cidades apontadas apresentavam maior gama de riqueza visual dentro da proposta.

Itens como cromática, texturas / técnicas expressivas, elementos construtivos / arquitetônicos, composição, e significados ou conceitos semânticos, formam referências para uma averiguação do conceito de Colagem no Pós-modernismo.

Recortes e registros:

Figura / sequência: 01

Título - Colagens Urbanas

Recife - Agosto – 2013



Conceitos de Colagem aplicados ao trabalhar com sobreposições e fragmentos cromáticos e multi-texturas. A boa gama expressa no muro, trás um equilíbrio das formas e linhas verticais propostas.

Figura / sequência: 02

Título – As Bicicletas

Recife - Agosto – 2013



Conceitos de Colagem aplicados ao trabalhar com sobreposições de fragmentos sobre multi-texturas na malha arquitetônica. As bicicletas compõem o conceito de colagem. A Pintura traz a ideia de diálogo entre o novo e o antigo.

Figura / sequência: 03

Título – Arquiteturas 1

Recife - Agosto – 2013



Conceitos de Colagem aplicados ao trabalhar com sobreposições de fragmentos na arquitetura e nos elementos móveis e tridimensionais, tais como: Caixa de isopor, carrinho e poste. Trazem movimento as linhas horizontais sugeridas, os tons bordôs ajudam a compor o espaço com nostalgia.

* O registro acima é um exemplo muito direto do conceito de Colagem no cotidiano: a arquitetura, o fundo com rabiscos e grafites, os fios, os postes, as janelas as molduras, e as caixas de isopor e o carrinho. Ai esta o recorte com sobreposições e fragmentos.

Figura / sequência: 04

Título – Cordel Urbano

Recife - Agosto – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições de fragmentos na arquitetura, riqueza cromática, boa composição. Texturas vastas e linhas verticais apontam para um diálogo com a construção. Relação semântica entre o ontem e hoje, por meio dos dois personagens apontados, ou seja, cordel / fé com a mídia / garoto propaganda de um *reality-show*.

* A relação com Arquitetura é latente nesse caso, e essa fusão com os Grafismos já fazem a função de Colagem. A relação de sobreposição e fragmento se apresenta junto ao fundo multicor construído aleatoriamente e fazendo uma relação do contemporâneo com o tradicional.

Figura / sequência: 05

Título – Novas Velhas texturas

Recife - Agosto – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições em multi-textura de muro; com lodo, e diversos escritos. Cromática pálida e nublada, boas disposição dos itens e linhas bem definidas. Relação semântica diretamente ligada às asas simbólicas das ilustrações sugeridas aos personagens.

* A proposta de Colagem nesse caso fica por conta da multi-textura desse muro em Recife. Com diversas camadas de tinta, lodo, micro-buracos, e tons diversos. Ai se encontra as sobreposições e fragmentos colagísticos. Sendo o desenho do primeiro plano o fundo. Já os significados dos animais alados falam por si só!

Figura / sequência: 06

Título – O Homem Computador - T.V. - Cordel

Recife - Agosto – 2013



Conceito de colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições na arquitetura. Boa riqueza cromática associada aos prédios, equilíbrio das formas, semântica entre o antigo e novo. O Homem Computador - T.V. - Cordel dialoga e critica as conexões simbólicas possíveis de hoje, por meio das linhas verticais apontadas.

Figura / sequência: 07

Título – Colagens de cartazes 1

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013



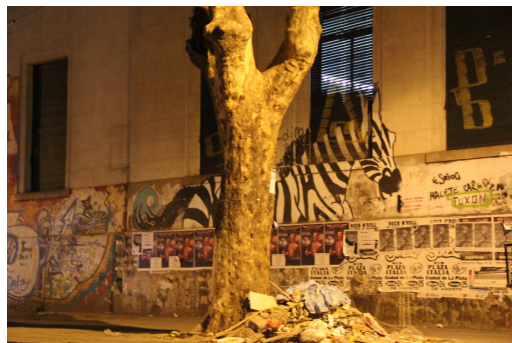
Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de cartazes. Cromática remetida às cores frias, equilíbrio casual das formas horizontais, semântica extrapolada ao cubo ao cruzar e confundir as comunicações sugeridas. Bela estética!

* Essa é uma Colagem clássica por si só. As figuras centrais dos artistas lado a lado também trazem uma fotografia tridimensional como um cartaz. Que se apresenta ora velado, ora exposto, ora rabiscado, ou seja, fragmentado e sobreposto.

Figura / sequência: 08

Título – Escola Belas Artes 1

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio das pinturas, cartazes e objetos tridimensionais como; árvore, lixo e janela. A semântica da Zebra na janela e o dialogo das duas figuras entre janela a torna instigantes e horizontais e verticais.

Figura / sequência: 09

Título – Escola Belas Artes 2

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio das pinturas horizontais, cartazes e objetos tridimensionais como; as motos e as sombras. A semântica política sobre o desaparecido MARIANO e as sobreposições dos cartazes. Na figura da direita, trabalham o inconsciente também.

Figura / sequência: 10

Título – Cotia Urbana

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013



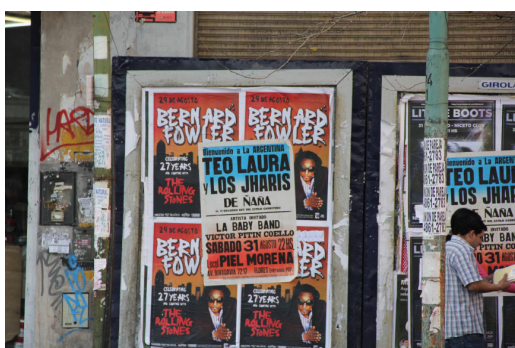
Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio das pinturas, texturas. Boa cromática figura em ritmo radial como foco e objetos tridimensionais na malha arquitetônica como poste, árvores, carro, lixeira e pessoas em trânsito. Sua semântica pode propor uma reflexão sobre o rural e a fauna invisível / imaginária no cenário contemporâneo.

* Essa pintura em meio a tantas outras sobreposições e fragmentos me veio quase que instantaneamente. Estava lá a Colagem dentro do cotidiano com: a árvore, e o poste no primeiro plano, o *contaner* de lixo no segundo plano, a Cotia ultra cromática bem ritmada no terceiro plano e as casinhas ao fundo. Isso para não falar do simbolismo de um animal silvestre e roedor em meio a um cenário urbano.

Figura / sequência: 11

Título – Conceito de colagem aplicado 1

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013



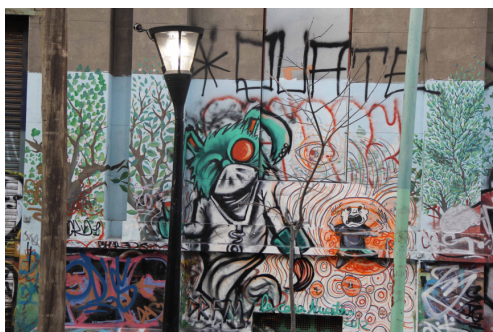
Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de cartazes, texturas e objetos tridimensionais na malha arquitetônica como; poste, arvores, carros, e pessoas em transito. A semântica é complexa de multi-símbolos no cenário contemporâneo, transmitem movimento por meio de linhas horizontais invisíveis.

* Meu primeiro registro fotográfico em Buenos Aires, com a ideia de Colagem no cotidiano me mente, foi esse. Além da sobreposição dos cartazes ao fundo, percebi as pessoas e os carros passando e compondo o conceito. Outros fragmentos fixos como a árvore de galhos secos e o poste com elementos de papel, e parede neutra de fundo, dão o tom tridimensional da Colagem.

Figura / sequência: 12

Título – Pluritexturas 1

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de multi-texturas, cores, composição e objetos tridimensionais, tais como poste, arvores e carros. A semântica extrapola idéias de guerra e seus reais motivos e sentidos, há uma anarquia sugerida por linhas mistas, além da figura do “preso” por meio de uma grade física na terceira imagem.

Figura / sequência: 13

Título – Pluritexturas 2

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de multi-texturas, cores. Composição desordenada, porém equilibrada / simétrica na figura principal. A semântica de caos e ordem simultaneamente se apresentam dentro da sugestão de linha horizontal.

* Sobreposições e fragmentos em um fluxo elétrico, trazem aos registros fotográficos acima o conceito de Colagem, aplicado no dia-a-dia. Rabiscos, paredes furadas, descascadas, manchadas e com lodo. Dão o tom de fundo para essa manifestação contemporânea.

Figura / sequência: 14

Título – Arquiteturas 2

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de texturas cromáticas, composição e elementos construtivistas extrapolados. Além de objetos tridimensionais como a árvore e a lixeira. A semântica de significado de casa saiu do funcional e andou para o estético e o agradável. Por meio de uma troca entre linha vertical e curva com linhas mistas.

* A aplicação do conceito de Colagem, apresenta-se bem distinta nas sobreposições da lixeira e da árvore no primeiro plano, e nos recortes feitos pelas janelas e portas. A Pintura de fundo parece ser a estrutura principal de tão forte, bela e real. Se essa Colagem esta viva através do registro fotográfico imagine ao vivo e em cores. O conceito de Colagem, seus fragmentos e sobreposições, foram representados de maneira simples e exuberante, dentro do cotidiano.

Figura / sequência: 15

Título – Arquiteturas e Colagens 1

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de composição e elementos construtivistas horizontais extrapolados. Além de objetos tridimensionais como a árvore, poste e carro. A semântica do “Kamikaze”, escrito ao fundo, parece transpor a arquitetura de prédio desativado na universidade de La Plata.

Figura / sequência: 16

Título – Arquiteturas e Colagens 2

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013

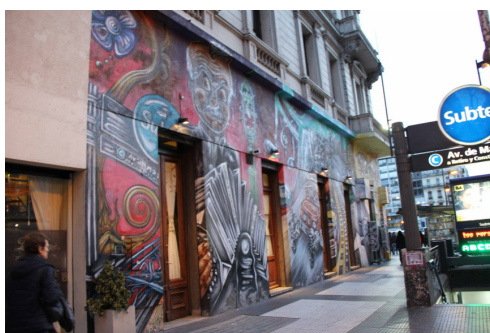


Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de composição de linhas verticais com horizontais e curvas e elementos construtivistas ao ilustrar um castelo sobre a malha arquitetônica. Além da fusão com as pessoas no ponto de ônibus. Fica a pergunta? Será que o animal bem entrelaçado da parede rica em textura busca ou traz proteção às pessoas?

Figura / sequência: 17

Título – Arquiteturas e Colagens 3

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos por meio de composição e elementos construtivistas na arquitetura, através da pintura. Com boas variações cromáticas aliadas ao uso de linhas e ponto de fuga trazem à pintura um realismo artístico bem elaborado. As janelas parecem intrusas dentro da avenida principal sugerida.

Figura / sequência: 18

Título – Impressões e *Stikis* 1

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013

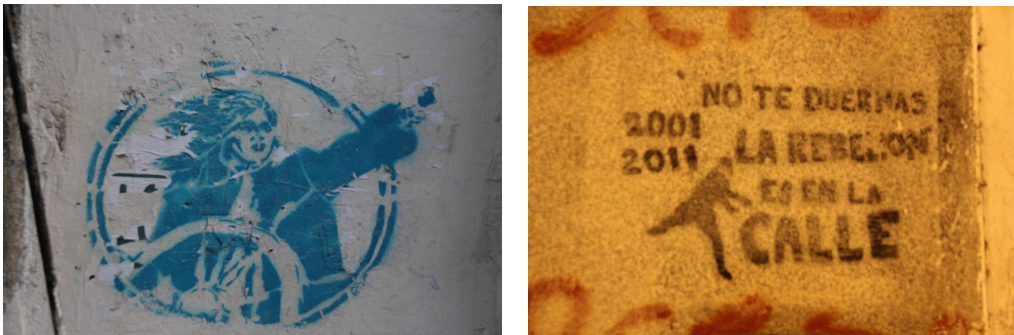


Conceito de Colagem é aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos sobre uma parede com textura múltipla. A cromática noturna caramelo, traz a boa composição uma relação de movimento por meio de linhas circulares. A semântica é direta, sem rodeios, e irônica ao falar; “o capitalismo também se recicla”, ao lado de uma peça de granito.

Figura / sequência: 19

Título – Impressões e *Stikis* 4

Buenos Aires / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos sobre uma parede com textura “gasta”. As figuras da mesma parede apesar de opostas em tons de cores, dialogam entre si. Uma propõe uma tomada de rédea, via o leme do navio. Enquanto a outra traz a ideia, literal, de que a rebelião e na rua. Sendo a linha inclinada um outro *link*, entre ambas, dessa proposta de comunicação político-visual.

Figura / sequência: 20

Título – Poste de energia e colagem 2

La Plata / ARG – Ago / Set – 2013



Conceito de Colagem aplicado ao trabalhar com sobreposições e fragmentos sobre uma parede e poste de luz. Ambos com cartazes e objetos tridimensionais. A luz noturna caramelo traz à colagem um tom nostálgico e unitário. Existe um diálogo entre linhas verticais e horizontais além de linhas curvas-mistas na composição de texturas de fundo. A relação entre o antigo e o novo é levada através da mistura na construção e o uso de ícones visuais anárquicos ponderados. A Escola de Belas Artes de lá, La Plata, parece esta mais efervescente visualmente que a Belas Artes da UFMG.

* Colagem no cotidiano, esta ideia esta mais que expressa no registro fotográfico citado acima. O cartaz do primeiro plano, fixado em uma caixa de energia, esta sobreposto em diversas gamas de fragmentos. Desde os cartazes menores ao qual ele se encontra. Passando pela parede da Belas Artes de La Plata, com Grafites, rabiscos, e meio cartazes. Ironicamente o Cartaz do primeiro plano faz o seguinte anuncio: “ Perdiendo el control”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim seria muito cômodo sair colando, sobrepondo e registrando imagens cotidianas de revistas ou jornais e concluir que ícones pós-modernos se apresentavam dentro da técnica de colagem. Relações de antigo e novo são feitas a todo o momento e por meio de tais imagens o pós-modernismo se apresentava com suas características. Isso está muito presente no capítulo 1 e 2 desse trabalho. Poderia ter particionado esses capítulos e feito uma conclusão plausível.

Porém, através de alguns diálogos com o meu professor e orientador Lincoln Volpini vislumbrei uma possibilidade maior. Uma vez que me foi apresentada verbalmente e visualmente a ideia de colagem dentro do cotidiano, ou seja, uma sobreposição de objetos sobre um recorte visual. Essa relação de objeto com imagem trouxe uma possibilidade tridimensional à colagem.

Deste modo e com pouca bagagem e referencial teórico fiz uma busca através do cotidiano urbano, experimentando, onde a arquitetura se apresenta como uma “tela” dentro da nova proposta de colagem no dia-a-dia. Poderia dar um nome teórico a essa investigação imagética de: experiência estética, pragmatismo da arte, teoria do flâneur ou modernidade líquida ou tudo isso junto. Ou seja esses “cacos” teóricos e experimentais fizeram ironicamente do fragmento, palavra chave no conceito de Pós-Modernidade, a união da minha proposta.

Após tais experiências e sem ser especialista em pintura / colagem, pude concluir poeticamente que sim, o pós-modernismo pode ser apresentado por meio do conceito de colagem no dia-a-dia urbano. Uma vez que a prática de imagem e seu registro trouxe a esse trabalho a concretização dessa ideia. Para mim foi uma oportunidade única a de perceber e minutar o quanto a arte se apresenta mais acessível às pessoas, uma vez que ela se encontra fora do ambiente frio e fechado das galerias, sendo democratizada e em sua grande maioria mais que um exercício artístico. Arte feita por pessoas da multidão, populares que trazem expressões e sentimentos que condizem mais com a realidade.

No meu modo de observar, o conceito de colagem para além do papel e do bidimensional foi apresentado. Evidente que é uma visão própria, particular, onde o saber ver tem que ser levado como apreço, pois o conceito de fragmento tem muitos significados e podem ser aplicados de diversas formas. Desse modo, conclusões diversas podem surgir ou serem oferecidas. Na minha opinião, a melhor delas fica por conta de quem achar a sua interpretação própria dessas idéias: citadas, defendidas e concluídas nesse trabalho.

Evidente que a prática desse trabalho deixou várias lacunas e possibilidades futuras a serem investigadas. A ideia de colagem aplicada em um recorte visual cotidiano me parece muito interessante e passível de pesquisas mais detalhadas. Ao começar um trabalho não se sabe ao certo aonde irá chegar. Mais uma vez retifico que não pretendia ficar na área temperada de conforto. Busquei uma nova abertura, pois a proposta se mostrou acessível e interessante.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos - Jonh Dewey e o Ensino da Arte no Brasil. Atlas, 1996

BARBOSA, Ana Mae e Fernanda Pereira da Cunha (organização) Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. Editora Cortez, 2010

DAWN, Ades – O dada e o surrealismo. Ed. Labor do Brasil, 1976

LEMERT, Charles - Pós-Modernismo não é o que você pensa. Editora Loyola, 2000

NEWMAN, Charles – The Aura of Postmodernism: The act of Fiction in an Age of. Ed. Universidade Northwestern, EUA, 1985

HARVEY, David – Condição pós-moderna. Ed. Loyola, 1992 / 2006

MCCARTHY, David - Arte Pop. Ed. Cosac & Naify, 2002

HEARTNEY, Eleanor – Pós-Modernismo. Ed. Cosac & Naify, 2002

GUINSBURG, J e BARBOSA, Ana Mae (org) – O Pós-Modernismo. Ed. Perspectiva, 2005

SANTOS, Jair Ferreira dos - O que é Pós-moderno – Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 1986

BAUDRILLARD, Jean – A Sociedade do Consumo (1972), Ed. Setenta, 2008

DEWEY, John e o Ensino da Arte no Brasil - Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, Cortez Editora, 1982

HONNET, Klaus - Pop Arte. Ed. Taschen, 2004

VOLPINI, Lincoln - Pintura – Conhecimentos sobre os métodos e procedimentos técnicos e temáticas de pintura. Ed. UFMG, 2012

STANGOS, Nikos – (org) – Conceitos de Arte Moderna. Ed. Jorge Zahar, 2000

BAUMAN, Zygmunt – A Modernidade Líquida. Ed. Jorge Zahar, 2001

A COLAGEM – Itaú Cultural -

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=369 – Acesso outubro 2013

CADÔR, Amir Brito - ARTES GRÁFICAS: Palavra e Imagem – Ed. UFMG – 2012

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM ARTES – MARIO SCHENBERG – ECA/USP - Reflexões sobre a Colagem -

http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=103:reflexoes-sobre-a-colagem-&catid=17:artigos-de-mario-shenberg&Itemid=15

Acesso em novembro – 2013

DEWEY - http://en.wikipedia.org/wiki/John_Dewey#On_Education –

Acesso em junho – 2012

INTERVENÇÃO URBANA -

http://pt.wikipedia.org/wiki/Interven%C3%A7%C3%A3o_urbana —

Acesso em setembro – 2012

PANORAMAS DA ARTE (UFMG) – vídeo

<http://www.youtube.com/watch?v=e6wI9EORGyg&feature=youtu.be>

- Acesso maio 2012 e outubro 2013

PONTO-E-VÍRGUAL – Revista eletrônica semestral do programa de estudos pós-graduação da PUC-SP - Dorothea Voegeli Passetti - Colagem: arte e antropologia -

<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n1/artigos/02-DodiPassetti.htm> - – Acesso outubro 2013

PAIVA, Silvia de - IMAGENS DA RESISTÊNCIA – COMOLLI -

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABFIUAL/imagens-resistencia> - OU POR QUE

AINDA PRECISAMOS DO CINEMA - Acesso em novembro – 2013